



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Reuniões de política monetária no Brasil, EUA e Zona do Euro movimentam a semana

O principal destaque da semana é a reunião do Copom, cuja decisão será anunciada na noite de quarta (1), e que não deve trazer surpresas quanto à decisão da taxa Selic, que deve permanecer estável em 13,75% aa. Contudo, o comunicado da decisão pode trazer novidades, dado os inúmeros ruídos gerados recentemente na comunicação do novo governo. Além da questão fiscal, que segue preocupando, também houve uma série de sinalizações sobre uma possível mudança da meta de inflação, que reforçou o processo de desancoragem das expectativas. Com isso, será importante analisar as novas projeções de inflação do BCB, que devem mostrar alguma elevação (dado que utilizam as expectativas como insumo), além do próprio tom do comunicado. Tais sinalizações serão importantes para que os agentes calibrem suas perspectivas para a trajetória da taxa Selic ao longo do ano.

Em relação à atividade, o IBGE divulga na sexta (3) o resultado da produção industrial de dezembro, cuja expectativa é de uma ligeira alta de 0,1% no mês. Com isso, o setor deve ter recuado 0,4% no trimestre, confirmando o enfraquecimento da economia no fim do ano. O Caged informa, na terça (31), a geração de empregos formais de dezembro, que deve mostrar redução líquida de 325 mil postos no mês, devido à demissão típica de trabalhadores temporários no fim do ano. De toda forma, no acumulado de 2022, o país deve ter registrado criação líquida de 2,1 milhões de empregos formais.

Também será conhecido o resultado da balança comercial de janeiro, que deve mostrar superávit de US\$ 3,0 bi, superior ao resultado de jan/22 (US\$ -0,1 bi), beneficiado pela reabertura da China. As exportações devem mostrar uma dinâmica positiva, impulsionadas pela melhora recente dos preços das *commodities*, em especial as metálicas. Este movimento, em conjunto com a desvalorização do dólar nos mercados internacionais, ajuda a explicar a valorização do Real nas últimas semanas.

Na agenda corporativa, o Santander dá início a divulgação dos resultados do setor bancário referentes ao 4T22 na quinta (2), antes da abertura dos mercados. O consenso dos analistas projeta um lucro de R\$ 2,8 bi no trimestre, queda de 10,8% ante o trimestre anterior e de 28,2% ante o 4T21, afetado pelo aumento das provisões diante do aumento da inadimplência na carteira destinada às famílias. Além disso, será importante verificar se a instituição já fará provisões sobre a dívida que possui com a empresa Lojas Americanas, fato que pode pressionar ainda mais seu resultado no período. O quadro abaixo traz o calendário de divulgação dos resultados dos bancos de capital aberto do país referentes ao 4T22, além da expectativa de lucro de cada IF.

Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 4T22 e 2022

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 4T22 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual	Estimativa de Lucro Líquido em 2022	Var.% no Ano
Santander	02/fev	2.786	-10,8%	-28,2%	13.997	-14,4%
Itaú	07/fev	8.172	1,2%	14,1%	31.290	16,4%
Pine	07/fev	-			-	-
Pan	08/fev	211	23,3%	10,9%	747	-3,5%
ABC	08/fev	217	-0,5%	34,0%	820	43,3%
Bradesco	09/fev	4.142	-20,7%	-37,4%	23.227	-11,4%
BTG Pactual	13/fev	2.236	-2,9%	25,5%	8.775	35,2%
Banco do Brasil	13/fev	8.198	-1,9%	38,2%	30.974	47,3%
BMG	14/fev	-			-	
Banrisul	15/fev	219	203,8%	-15,3%	682	-31,1%
Inter	20/mar	-				

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Ainda na agenda nacional, vale mencionar que hoje cedo, a FGV divulgou o IGP-M e as últimas sondagens de confiança, ambos referentes ao mês de janeiro, enquanto o BCB publicou o resultado fiscal do setor público consolidado de dezembro. O IGP-M subiu 0,21% no mês, mantendo sua tendência de desaceleração em 12 meses, passando de 5,45% para 3,79%. Já as sondagens do comércio e serviços, assim como as demais já haviam sido conhecidas, também recuaram no período. Por fim, o BCB mostrou que o setor público registrou superávit primário de R\$ 126,0 bi (1,28% do PIB) no ano, fato que ajudou a reduzir a dívida bruta de 78,3% para 73,5% do PIB em 2022.

No cenário internacional, destaque para as decisões de política monetária nos EUA e na Zona do Euro, que ocorrerão na quarta (1) e quinta-feira (2), respectivamente. Enquanto nos EUA o mercado aguarda nova redução do ritmo de aperto monetário (de +0,5 pp para +0,25 pp), na Zona do Euro se espera que o BCE mantenha a alta de 0,5 pp. No caso dos EUA, é praticamente consenso que o Fed deve levar os juros para o intervalo entre 4,50% a 4,75% aa, devido ao recente alívio (modesto) dos preços e a desaceleração da atividade. Já na Zona do Euro, cujo processo de aperto monetário está mais atrasado, as indicações dos membros do BCE são de uma nova alta de 0,5 pp, o que levaria as taxas para o intervalo entre 2,50% e 3,25% aa.

Os agentes também estarão atentos à divulgação dos dados do mercado de trabalho (*payroll*) norte-americano de janeiro, na próxima sexta-feira (3), cuja expectativa é de manutenção da tendência de arrefecimento da geração de vagas. O consenso projeta geração de 185 mil vagas no mês, elevando o desemprego de 3,5% para 3,6%. Ainda, serão observados com atenção os dados de inflação dos salários, que também ajudarão o mercado a calibrar os próximos passos do Fed.

Na Zona do Euro, será conhecida na terça (31) a 1ª leitura do PIB do 4º trimestre de 2022, que deve ter recuado 0,1% no período, impactado pelo alto custo da energia. Apesar disso, o PIB da região deve ter crescido 3,4% em 2022, beneficiado pela retomada da atividade pós-pandemia. A agenda da semana ainda traz uma série de outros indicadores, como as leituras finais dos índices PMI dos EUA, Zona do Euro e China; além da prévia de janeiro da inflação ao consumidor (CPI) do bloco europeu.

Para ver o quadro completo da agenda de indicadores com a respectiva data de divulgação e a projeção do mercado, [clique aqui](#).



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
30/jan	BCB: Nota de Estatísticas Fiscais	Dez/22	R\$ -12,4 bi	R\$ -20,1 bi
30/jan	FGV: Sondagens de Confiança – Comércio e Serviços	Jan/23	-	87,2 pts; 92,2 pts
30/jan	FGV: IGP-M	Jan/23	0,22% m/m 3,82% a/a	0,45% m/m 5,45% a/a
31/jan	Caged: Geração de Vagas Formais de Emprego	Dez/22	-325,0 mil	135,5 mil
31/jan	Reunião do Copom	-	13,75% aa	13,75% aa
01/fev	Secex: Balança Comercial	Jan/23	US\$ 3,0 bi	US\$ 4,8 bi
02/fev	Fenabrave: Emplacamento de Veículos	Jan/23	-	4,8% a/a
03/fev	IBGE: Produção Industrial	Dez/22	0,1% m/m -1,1% a/a	-0,1% m/m 0,9% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
30/jan	China	PMI Manufatura e Serviços	Jan/23	50,1 pts / 52,0 pts	47,0 pts / 41,6 pts
31/jan	Zona do Euro	PIB	4º tri/22 – 1ª leitura	-0,1% t/t-1	0,3% t/t-1
31/jan	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Jan/23	109,0 pts	108,3 pts
31/jan	China	PMI Caixin Manufatura	Jan/23	49,8 pts	49,0 pts
01/fev	Zona do Euro	PMI Manufatura	Jan/23 – final	48,8 pts	47,8 pts
01/fev	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Jan/23 – prévia	9,0% a/a	9,2% a/a
01/fev	EUA	Reunião de Política Monetária do Fomc	-	4,50% a 4,75% aa	4,25% a 4,50% aa
01/fev	EUA	PMI / ISM Manufatura	Jan/23 – final	46,8 pts / 48,0 pts	46,2 pts / 48,4 pts
02/fev	Zona do Euro	Reunião de Política Monetária do BCE	-	2,50% aa; 3,00% aa; 3,25% aa	2,00% aa; 2,50% aa; 2,75% aa
02/fev	China	PMI Caixin Serviços	Jan/23	51,6 pts	48,0 pts
03/fev	Zona do Euro	PMI Serviços	Jan/23	50,7 pts	49,8 pts
03/fev	EUA	Dados do Mercado de Trabalho - Geração de Vagas de Emprego / Taxa de Desemprego	Jan/23	185 mil / 3,6%	223 mil / 3,5%
03/fev	EUA	PMI / ISM Serviços	Jan/23 – final	46,6 pts / 50,5 pts	44,7 pts / 49,2 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Inflação segue em desaceleração e Tesouro registra superávit em 2022

A prévia oficial da inflação, o IPCA-15, subiu 0,55% em janeiro. O resultado veio um pouco acima do esperado (0,52%), mas com a surpresa altista concentrada em itens pontuais, que exercem pouco impacto sobre as decisões de política monetária do BC. Já as métricas de núcleo mantiveram a tendência de acomodação. Neste sentido, ainda que de maneira modesta, o índice seguiu desacelerando no acumulado em 12 meses, de 5,90% para 5,87%.

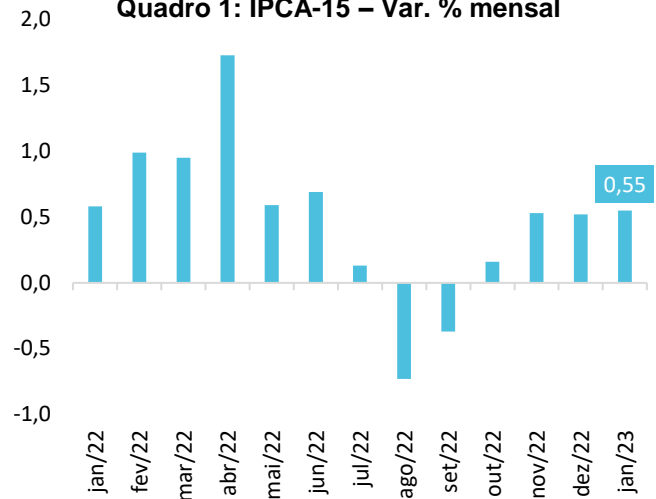
Parte da surpresa altista do mês foi explicada pelo recuo contido das passagens aéreas (-0,22%), ante expectativa de uma maior descompressão após a alta relacionada ao período das férias; e pelo subitem emplacamento e licença (+1,61%), que incorpora a fração mensal referente ao IPVA, que veio bem acima do esperado. Também contribuíram os reajustes no setor de comunicação (+2,36%), a alta do grupo saúde e cuidados pessoais (+1,10%), pressionado pelos itens de higiene pessoal (+1,88%), além da inflação dos alimentos (+0,55%). Na outra ponta, destaque para a queda dos preços dos combustíveis (-0,58%) e para a desaceleração do grupo habitação (de 0,40% em dez/22 para 0,17%), com recuo do gás de botijão (-1,32%) e da energia elétrica (-0,16%).

No geral, apesar da leitura um pouco acima do esperado, a composição se mostrou relativamente positiva, com a inflação subjacente (núcleos), tanto de bens quanto de serviços, acomodando. Em fevereiro, a inflação será pressionada pelo reajuste de 7,4% da gasolina nas refinarias e pelos reajustes das mensalidades escolares, típicos para a época do ano. Contudo, em 12 meses, o índice deve seguir desacelerando ao longo do 1º semestre, dada a elevada base de comparação (efeitos do início da guerra da Ucrânia), mas voltar a subir no 2º semestre, quando houve a desoneração de impostos (combustíveis e energia) em 2022, fato que não se repetirá neste ano.

Em relação às contas públicas, o governo central registrou superávit primário de R\$ 4,4 bi em dezembro, totalizando R\$ 54,1 bi (0,5% do PIB) em 2022, o primeiro desde 2014. O resultado foi impulsionado pelo forte crescimento real das receitas (+9,7%), com destaque para o IRPJ (+22,1%) e CSLL (+26,8%), dentre os tributos; e, das receitas com dividendos (+85,1%), principalmente por parte da Petrobras. Em ambos os casos, decorrente dos altos das preços das commodities no mercado internacional e da melhora da lucratividade das empresas do setor.

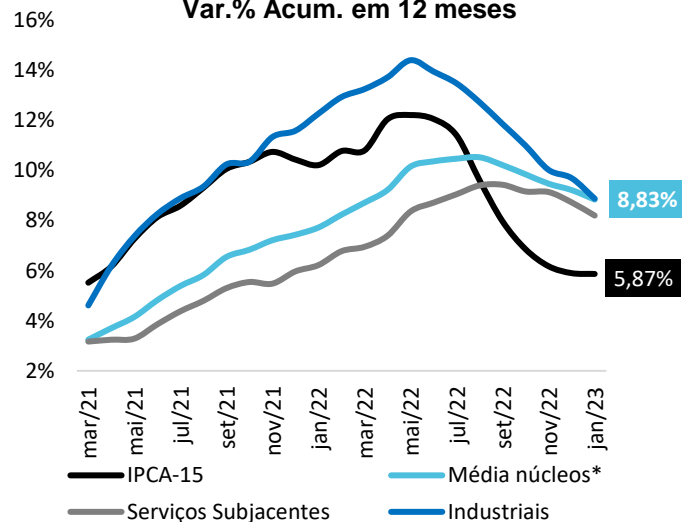
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: IPCA-15 – Var. % mensal



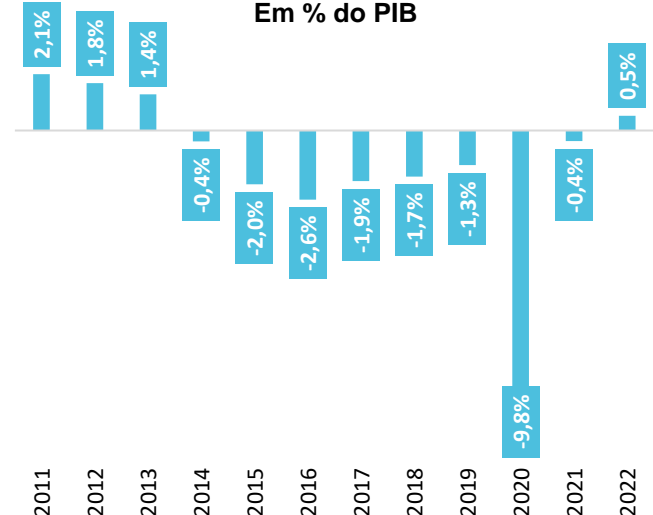
Fonte: IBGE.

Quadro 2: IPCA-15 e Aberturas Var.% Acum. em 12 meses



Fonte: IBGE. * Núcleos selecionados.

Quadro 3: Resultado Primário do Governo Central Em % do PIB



Fonte: Tesouro Nacional

Já as despesas subiram 2,1% em termos reais em 2022, pressionadas de um lado, pelo aumento dos gastos com previdência (+2,6%) e abono salarial (+107,1%), enquanto houve retração das despesas com pessoal (-6,1%) e dos créditos extraordinários (-63,3%), em especial, das despesas destinadas à pandemia.

Em 2023, a expectativa é de acomodação das receitas, diante da perspectiva de desaquecimento da atividade e redução dos preços das *commodities*. Já as despesas devem crescer consideravelmente com a aprovação da PEC da transição. Com isso, o consenso projeta um déficit primário de R\$ 125 bi (1,2% do PIB) no ano.

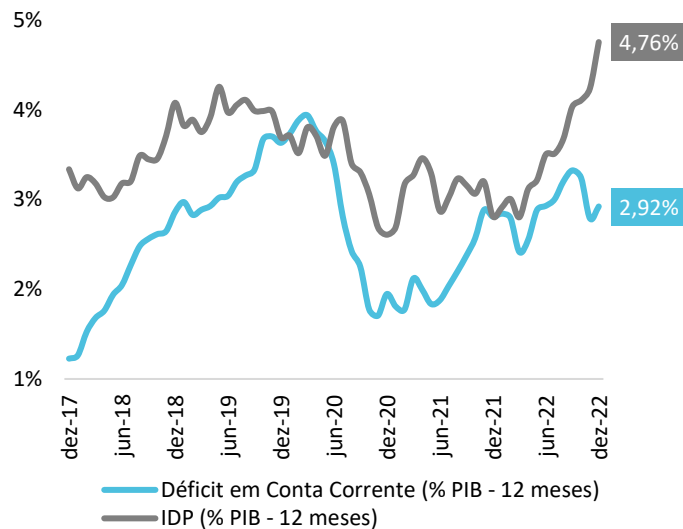
Sobre às contas externas, o saldo de transações correntes ficou deficitário em US\$ 10,9 bi em dezembro, afetado pela remessa (sazonal) de lucros ao exterior, que pressiona a balança de renda primária (US\$ -9,7 bi). Com o resultado, o déficit em transações correntes somou US\$ 55,7 bi (2,92% do PIB) em 2022, acima do observado em 2021 (US\$ 46,4 bi ou 2,81% do PIB). Este aumento deveu-se às ampliações nos déficits de serviços e de renda, compensados parcialmente pelo maior superávit comercial.

Em 2022, tanto as exportações quanto as importações mostraram um aumento relevante, de quase 20% ante 2021, atingindo os maiores valores da série histórica e levando a um superávit de US\$ 44,4 bi da balança comercial (+22,1% ante 2021). Na outra ponta, o ano foi marcado por uma ampliação do déficit em serviços, saltando de US\$ 27,0 bi em 2021 para US\$ 40,0 bi em 2022, impactado pelo aumento dos gastos com transportes e a retomada das viagens internacionais. O déficit em renda primária também aumentou, de US\$ 59,0 bi para US\$ 63,9 bi, pressionado pela maior remessa de lucros e dividendos em função da recuperação da atividade e lucratividade das empresas.

O investimento direto no país (IDP) ficou em US\$ 5,6 bi em dezembro, acumulando ingresso de US\$ 90,6 bi (4,76% do PIB) no ano, bem acima do registrado em 2021 (US\$ 46,4 bi), suficiente para financiar o déficit em conta corrente. Os investimentos em carteira também fecharam o ano com ingresso líquido positivo, de US\$ 6,4 bi, beneficiados pela entrada de recursos em ações (US\$ 10,0 bi).

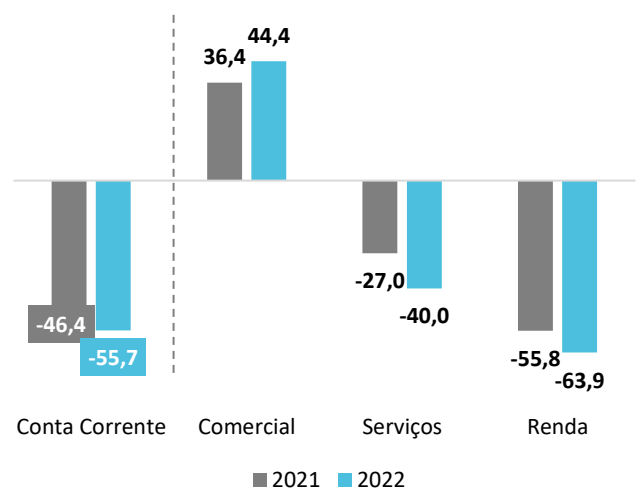
Por fim, as sondagens de confiança da FGV (consumidor, construção e indústria) divulgadas ao longo da última semana voltaram a recuar, reforçando a percepção de desaceleração da economia neste início de ano. A queda mais intensa ocorreu entre os consumidores (-2,2 pp), especialmente, por conta da piora das expectativas entre as famílias de maior renda. Dentre os empresários, ambos os setores pioraram sua avaliação sobre a situação atual. No entanto, diferente da construção, houve melhora das expectativas na indústria.

Quadro 4: Déficit em Conta Corrente e IDP – Acum. em 12 meses - % do PIB



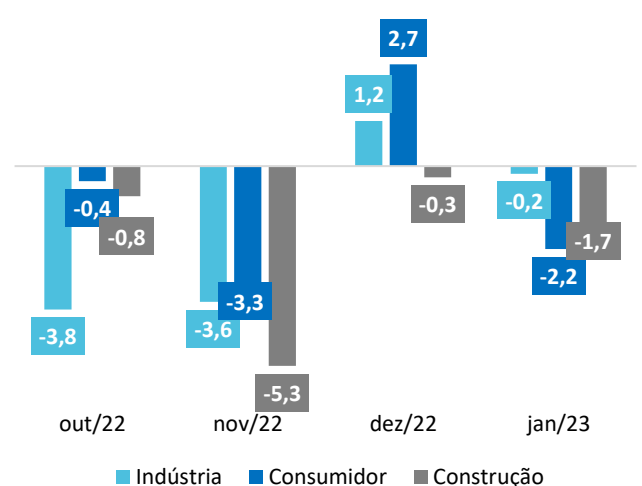
Fonte: BCB

Quadro 5: Saldo em Conta Corrente e Aberturas Acum. no ano – em US\$ bi



Fonte: BCB

Quadro 6: Sondagens de Confiança da FGV Var. Mensal - Em pontos



Fonte: BCB

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

PIB dos EUA sobe acima do esperado, mas não altera percepção de desaceleração da economia

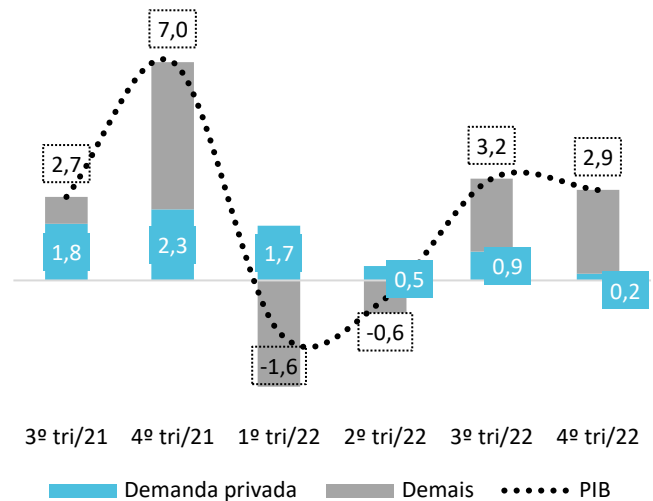
Os principais dados de atividade dos EUA reforçaram os sinais de desaceleração econômica, elevando o temor com uma recessão. Tal preocupação também tem sido o principal tema durante a divulgação dos balanços conhecidos até o momento. Contudo, o mercado parece começar a interpretar “más notícias como boas”, dado que isso significaria uma postura menos “hawkish” do Fed nas próximas reuniões, além da possibilidade de uma flexibilização da política monetária já no 2º semestre, o que ajudaria a explicar a alta das principais bolsas dos EUA na semana.

O PIB norte-americano cresceu 2,9% no 4T22 em termos anualizados (ou 0,7% na margem), ligeiramente acima da expectativa (+2,7%), mas desacelerando ante o período anterior (+3,2%). Assim, em 2022, o PIB cresceu 2,1% após alta de 5,9% em 2021 quando se recuperou da forte queda decorrente da pandemia em 2020 (-4,6%). Apesar da surpresa positiva no trimestre, o resultado não afastou a preocupação com a dinâmica da atividade, especialmente por ter reafirmado a desaceleração da demanda privada, que contribuiu com apenas 0,2 pp da alta do PIB no período. Houve alta (+1,4 pp) no consumo das famílias (serviços +1,2 pp; bens +0,2 pp), reforçando sua resiliência, porém, que foi quase totalmente compensada pela queda nos investimentos (-1,2 pp), que vem sofrendo com as taxas de juros mais altas, especialmente no setor imobiliário. Por outro lado, parte relevante do avanço do PIB decorreu do aumento de estoques (+1,5 pp) e queda das importações (+0,7 pp), o que não necessariamente é algo positivo.

Apesar da resiliência do consumo no 4T22, a leitura da renda e gastos pessoais de dezembro trouxe novas preocupações. No mês, os gastos caíram 0,2% (-0,3% ajustado pela inflação), sugerindo que estes também começam a se enfraquecer. A renda, por sua vez, subiu 0,2%. Os índices PMIs, por seu turno, vieram acima do esperado, mas seguem abaixo do nível neutro (50 pts), refletindo a queda da demanda. O índice da manufatura atingiu 46,8 pts (ante 46,2 pts), enquanto no setor de serviços chegou a 46,6 pts (ante 44,7 pts).

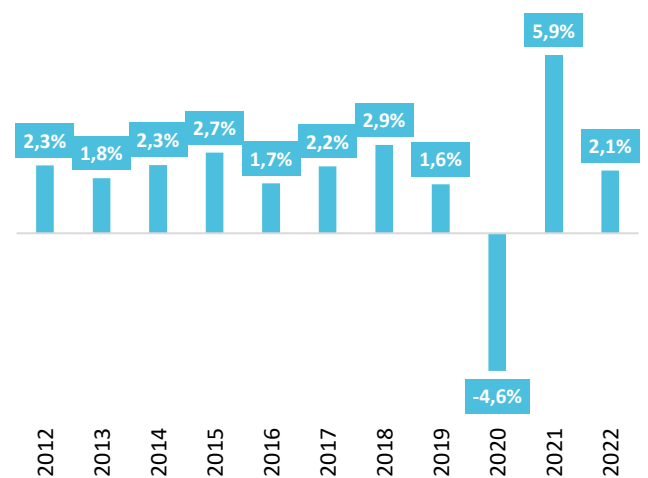
Por fim, na Zona do Euro, as prévias dos índices PMIs surpreenderam positivamente indicando que a economia pode ter crescido em janeiro. O PMI de serviços atingiu 50,7 pts (ante 49,8 pts), entrando em território expansionista pela 1ª vez desde jul/22, puxado pelo alívio nos custos de energia (e de produção). O indicador da manufatura também subiu (de 47,8 pts para 48,8 pts), embora siga em baixo patamar.

Quadro 7: EUA – PIB e contribuição dos itens Em pp (anualizado)



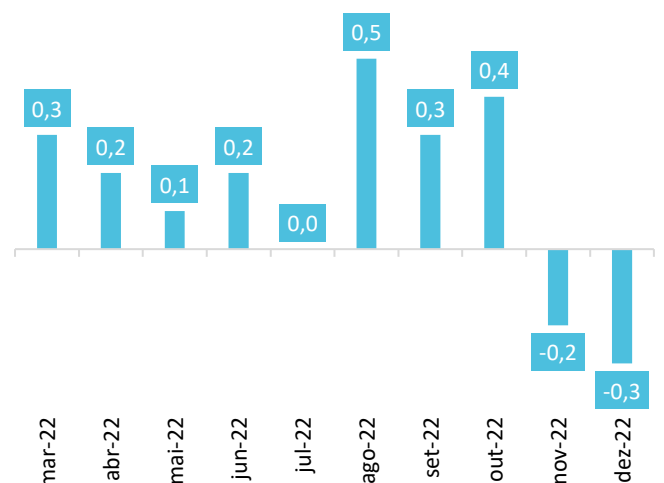
Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: EUA – Crescimento anual do PIB Var. % ante o ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: EUA – Gastos Pessoais em termos reais Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Nota de Operações de Crédito

CRÉDITO / BANCOS

Estoque de crédito cresce 14,0% em 2022, terceiro ano seguido de forte crescimento

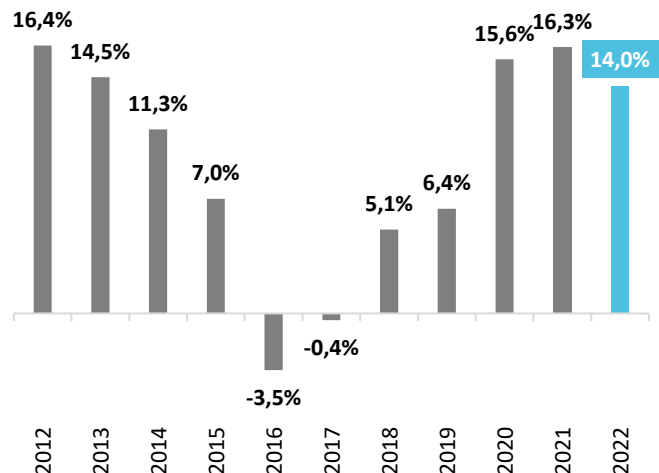
O saldo total da carteira de crédito cresceu 1,3% em dezembro, fechando 2022 com expansão de 14,0%, o terceiro ano de intenso crescimento, após as altas de 15,6% e 16,3% em 2020 e 2021, respectivamente. Com o bom desempenho, o estoque de crédito bancário encerrou o ano superando a marca de R\$ 5,3 trilhões, e com a relação crédito/PIB em 54,2% (ante 52,5% em 2021), ambos em patamar recorde.

O crescimento da carteira no ano foi novamente liderado pelo crédito às famílias, que cresceu 17,4%, se consolidando como um importante canal para a retomada do consumo. A carteira PF Livre fechou 2022 com alta de 17,0%, com expansão disseminada entre as modalidades, mas notadamente das linhas rotativas, como o cartão rotativo (+56,4%), parcelado (+41,5%) e cheque especial (+26,0%) – o que gera alguma preocupação quanto à trajetória de inadimplência das famílias. Contudo, o cartão à vista (+18,3%) e o crédito pessoal (+15,5%) também mostraram um bom dinamismo no ano. Na carteira PF Direcionada (+17,9%), destaque para o crédito rural (+29,3%), mas também com um crescimento relevante no imobiliário (+14,0%).

O crédito às empresas também mostrou um bom crescimento no ano, de 9,3%. A expansão foi liderada pela carteira livre (+9,9%), impulsionada pela retomada econômica, mas com destaque para o ganho de força da carteira direcionada (+8,1%), que, após reair no início do ano, voltou a ganhar ímpeto com a nova rodada dos programas públicos e a retomada das operações do BNDES.

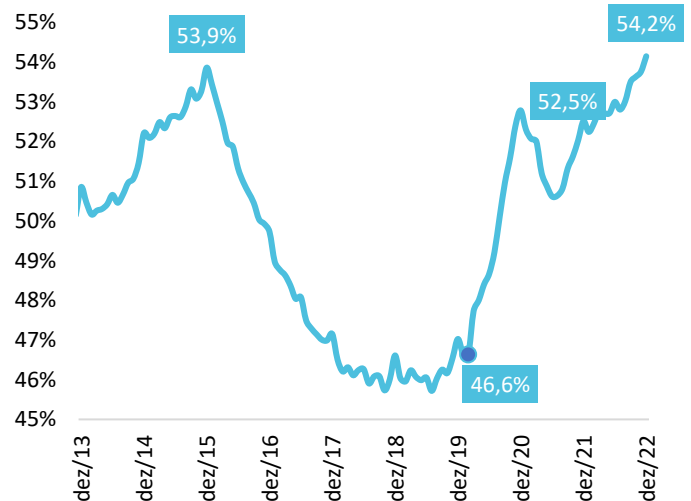
A despeito de mais um forte resultado no ano, o ritmo de crescimento anual da carteira tem mostrado alguma perda de tração nos últimos meses, especialmente na carteira livre, que, após atingir uma expansão anual de 21,7% em junho, fechou o ano com alta de 13,7%. Na outra ponta, a carteira com recursos direcionados ganhou tração, encerrando 2022 com alta de 14,3% (ante 10,4% em abril), impulsionada pela reedição dos programas públicos de crédito. A perda de ritmo do crédito livre, mais aderente às condições econômicas, reflete o arrefecimento da atividade, inflação ainda elevada, condições financeiras mais restritivas (elevação da Selic), além do aumento da inadimplência. Tais fatores, por sinal, devem seguir pesando e levar a um menor crescimento do crédito em 2023. Por ora, as projeções coletadas nas pesquisas da Febraban apontam para um crescimento de 8,2%.

Quadro 10: Saldo de Crédito – Var.% anual



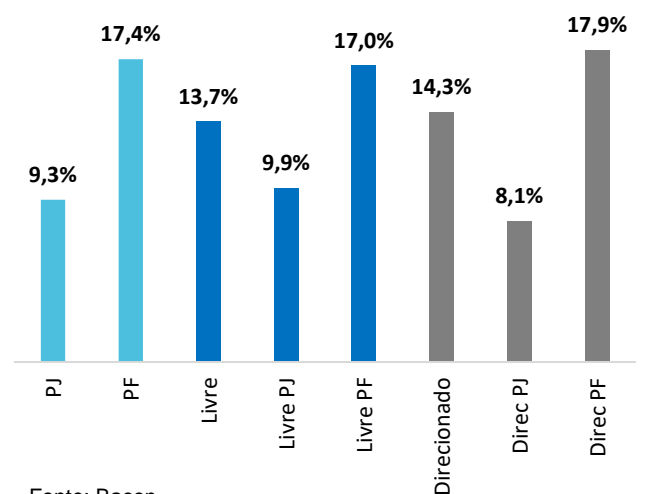
Fonte: Bacen

Quadro 11: Razão Crédito/PIB



Fonte: Bacen

Quadro 12: Saldo por segmento – Var.% anual



Fonte: Bacen

A expansão da carteira em 2022 foi impulsionada pelo volume expressivo de concessões, que fechou o ano com alta de 20,4% ante o volume concedido em 2021, mesmo com a alta da Selic e o aumento da inadimplência.

O forte crescimento no ano foi visto tanto nas operações livres (+20,4%) quanto nas direcionadas (+20,5%), assim como nas operações destinadas às empresas (+20,7%) e para as famílias (+19,8%). No caso do crédito PF, a expansão das concessões foi concentrada em linhas como cartão de crédito (+33,8%), crédito decorrente de renegociação (+37,9%) e rural (+37,9%); enquanto linhas mais dependentes da conjuntura econômica, como imobiliário (-3,2%) e pessoal (-4,4%) recuaram no ano, sinalizando que a política monetária já começa a produzir seus efeitos no mercado de crédito. No crédito PJ, a expansão das concessões foi liderada pela nova rodada dos programas públicos (30,7%), operações do BNDES (+81,1%) e capital de giro (+26,7%).

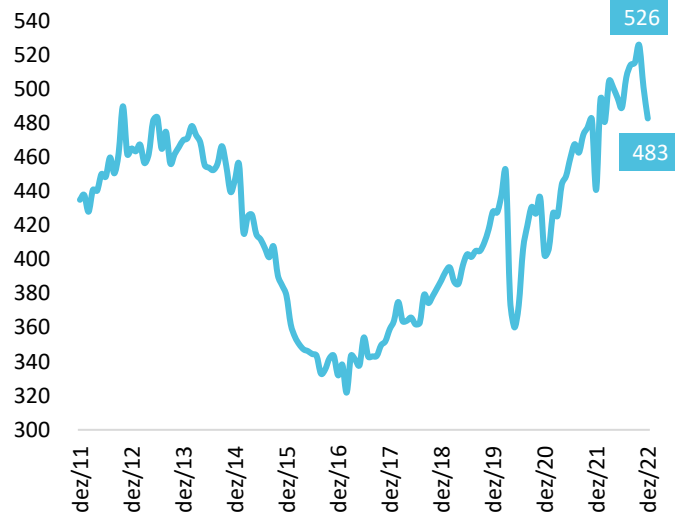
Ainda, após atingir patamar recorde em outubro (mesmo quando ajustado pela inflação e efeitos sazonais), o volume de concessões têm perdido fôlego na margem (-3,1% em dez/22), reforçando a percepção de que o crédito deve crescer menos em 2023.

Em relação às condições de financiamento, a taxa de juros média do SFN recuou 1,0 pp em dezembro, fechando 2022 em 29,9% aa, com alta de 5,6 pp no ano.

A elevação da taxa no ano reflete uma conjunção de fatores. Primeiro, a alta dos juros foi pressionada pelo maior custo de captação, devido à elevação da taxa Selic (que passou de 9,25% para 13,75% aa) e ao aumento dos juros futuros (abertura da curva de juros) recentemente, diante da piora do risco fiscal. Adicionalmente, a elevação da taxa média em 2022 também foi afetada pelo chamado efeito composição, ocasionado pela alteração de *mix* das carteiras, dado o ganho de participação das linhas mais arriscadas (rotativas), que possuem taxas de juros mais elevadas, e que, portanto, contribuem para o avanço da taxa média do sistema. Ainda, o avanço da taxa média de juros ao longo do ano seguiu a tendência de piora da inadimplência, especialmente nas operações sem garantia destinadas às famílias. O avanço das taxas de juros foi difuso, mas com maior intensidade nas operações com recursos livres, naturalmente mais afetadas pelos motivos descritos acima.

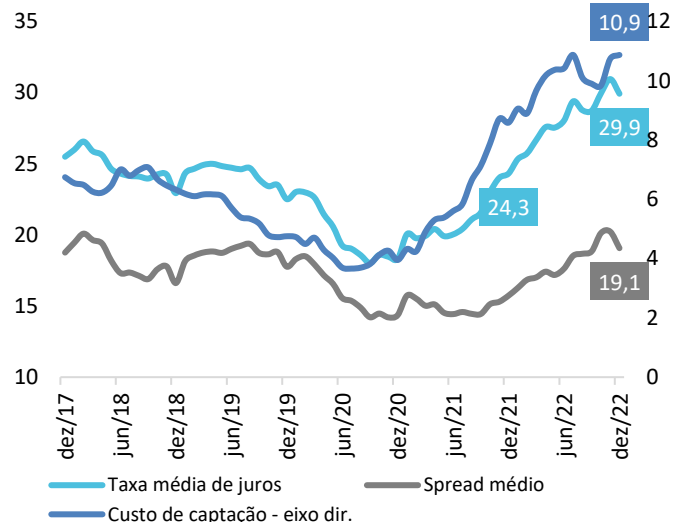
No mesmo sentido, o spread médio do sistema também avançou no ano (+3,3 pp), embora em magnitude menor que as taxas de juros, encerrando 2022 em 19,1 pp, um pouco acima (+0,6 pp) do patamar pré-pandemia, mas ainda bem abaixo do pico observado em jan/17 (23,6 pp).

Quadro 13: Volume de Concessões – Em R\$ bi
Série com ajuste sazonal e deflacionada



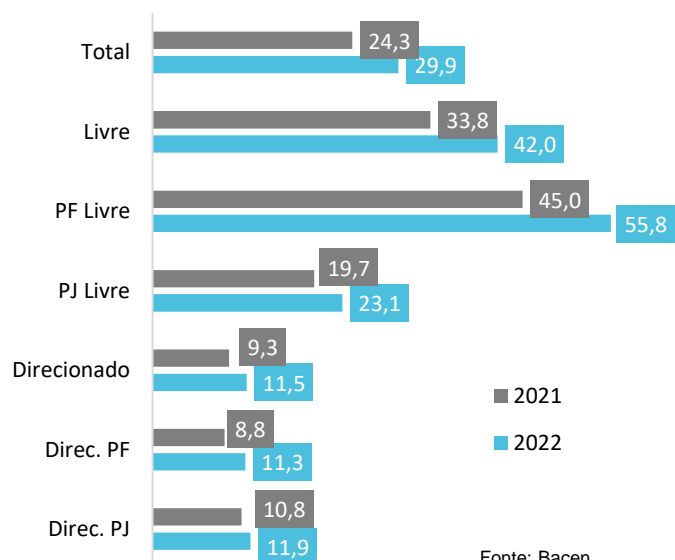
Fonte: Bacen

Quadro 14: Taxa média de juros, Spread e Custo de Captação – % aa



Fonte: Bacen

Quadro 15: Taxa média de juros – % aa



Fonte: Bacen

Por fim, a taxa de inadimplência (atrasos acima de 90 dias) geral do sistema ficou estável em dezembro, encerrando 2022 em 3,0% aa, mesmo patamar do período pré-pandemia (3,0% em fev/20). A estabilidade no mês foi beneficiada pela sazonalidade favorável do período, em função do pagamento do 13º salário, que contribuiu para uma queda do saldo das linhas rotativas, não se traduzindo, necessariamente, num sinal de estabilização da inadimplência nos próximos meses.

No ano, a inadimplência avançou 0,7 pp, com alta puxada especialmente pela carteira livre destinada às famílias, cuja taxa subiu 1,5 pp no ano, para 5,9% aa, e que segue avançando, mantendo-se como o principal ponto de preocupação. A taxa da carteira PJ Livre também avançou em 2022, para 2,1% aa, mas de maneira bem mais modesta (+0,5 pp) e ainda abaixo do patamar pré-pandemia (2,3% aa). Já na carteira direcionada, a taxa segue contida (1,2% aa), e praticamente estável no ano (+0,1 pp) em ambos os segmentos.

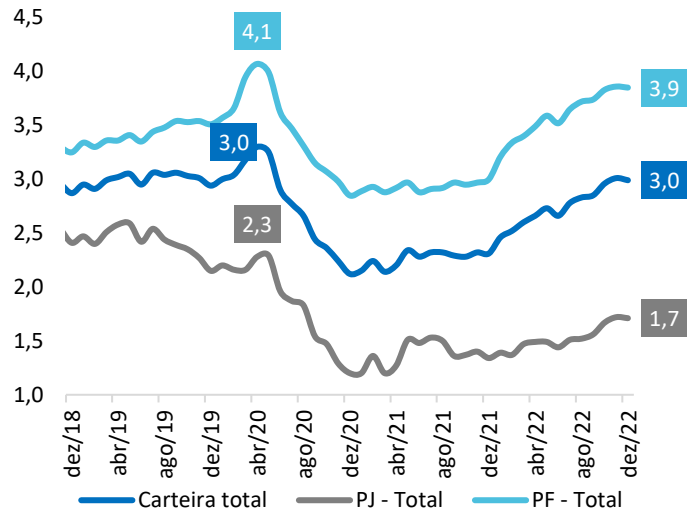
O indicador de atrasos (entre 15 e 90 dias) também avançou no ano, passando de 3,0% para 3,7%, refletindo, assim como o índice de inadimplência, a piora da carteira destinada às famílias (de 4,3% para 5,1%). Assim como a inadimplência, o indicador também recuou em dezembro, mas por conta dos fatores sazonais já citados.

No geral, o mercado de crédito performou de maneira positiva em 2022, novamente contribuindo para o processo de recuperação da atividade no país. O saldo total da carteira cresceu de forma expressiva pelo terceiro ano seguido, irrigando a economia mesmo em um ano desafiador, com condições financeiras mais restritivas. A plena reabertura das atividades, a recuperação do mercado de trabalho e a reedição de alguns estímulos contribuíram para tal desempenho.

Para 2023, o avanço do crédito deve ser mais modesto, como já apontam as leituras mais recentes, que mostram desaceleração na margem, tanto do saldo como das concessões. Além da taxa Selic ainda elevada, o desempenho do crédito deve se acomodar mediante a desaceleração da atividade e piora dos índices de inadimplência. A propósito, a qualidade da carteira PF deve seguir como o principal ponto de preocupação ao longo deste ano.

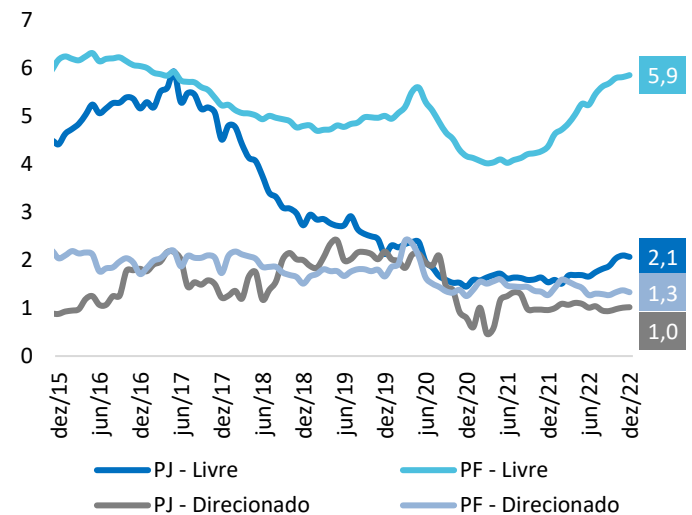
Para consultar um panorama mais detalhado das estatísticas de crédito, [clique aqui](#).

Quadro 16: Taxa média de inadimplência (> 90 dias) – %



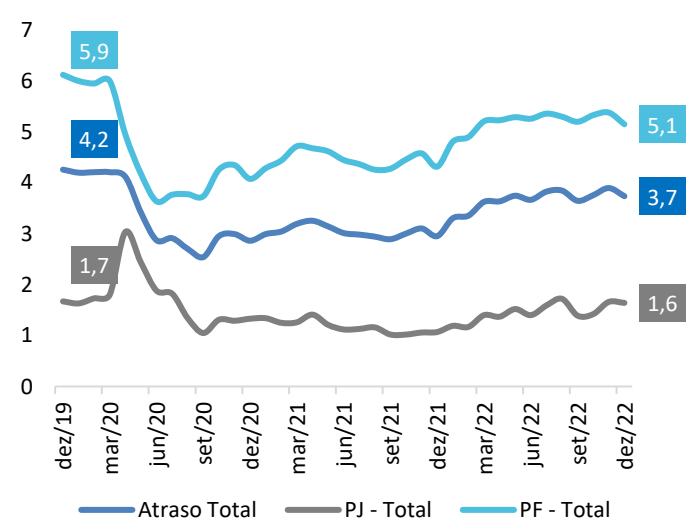
Fonte: Bacen

Quadro 17: Taxa média de inadimplência (> 90 dias) – %



Fonte: Bacen

Quadro 18: Taxa média de Atrasos (15-90 dias) – %



Fonte: Bacen



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2022				2023			
	27/01/23	20/01/23	30/12/22	Viés	27/01/23	20/01/23	30/12/22	Viés
IPCA (%)	5,74	5,48	5,31	▲	3,90	3,84	3,65	▲
PIB (% de crescimento)	0,80	0,79	0,80	▲	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,50	12,50	12,25	↔	9,50	9,50	9,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,25	5,28	5,27	▼	5,30	5,30	5,26	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	27/01/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,11	-1,32%	-3,25%	-3,25%	-5,58%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	232,57	-5,13%	-8,46%	-8,46%	1,59%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,65	-0,03%	0,00%	0,00%	32,60%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,50	0,63%	0,39%	0,39%	10,45%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,96	3,96%	2,54%	2,54%	14,79%
Índice Ibovespa (em pontos)	112.316,16	-0,54%	2,35%	2,35%	-0,26%
IFNC (setor financeiro)	10.234,54	-2,85%	-0,18%	-0,18%	-3,15%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	1700,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,20	0,69%	-5,12%	-5,12%	253,39%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,50	0,71%	-9,58%	-9,58%	94,70%
Dollar Index	101,93	-0,08%	-1,54%	-1,54%	4,80%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.070,56	2,47%	6,02%	6,02%	-5,92%
Índice de ações de bancos – EUA	114,67	0,46%	0,51%	0,51%	-9,94%
Índice Euro Stoxx 50	4.178,01	1,41%	10,13%	10,13%	-0,17%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	109,18	4,14%	13,90%	13,90%	1,61%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	86,66	-1,11%	0,87%	0,87%	-3,00%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira